

A cultura material da Guerra do Contestado como documento histórico*

*Jaisson Lino***

Resumo

O presente artigo objetiva realizar síntese de pesquisa realizada sobre a cultura material da Guerra do Contestado na perspectiva da arqueologia da paisagem. Este conflito ocorreu no planalto sul brasileiro entre os anos de 1912 e 1916, contrapondo os sertanejos da região com forças militares diversas, causando a morte de milhares de pessoas. Ao completar-se cem anos do início da guerra em 2012, sítios de interesse para a arqueologia e a história ilustram o potencial que os estudos de cultura material possuem para o estudo do passado.

Palavras-chave: Arqueologia. Cultura Material. Guerra do Contestado.

Contextualizando o tema

Em 2008 intrigaram-me alguns achados durante um projeto de arqueologia preventiva no município de Ibicaré, no meio oeste de Santa Catarina. Minha equipe registrou nas proximidades da ferrovia São Paulo – Rio Grande, o que, por informações orais, foram identificados como sendo ruínas de casas de turma, locais destinados à habitação de funcionários da estrada de ferro. Desde então, instiguei-me a pesquisar e, posteriormente, criar uma hipótese de trabalho, em que os vestígios materiais ligados ao conflito do Contestado pudessem ser mapeados, registrados e estudados a partir do viés da arqueologia. Somado a isso, notei que boa parte dos arqueólogos quando pesquisam na região, domesticam seus olhos para sítios arqueológicos “clássicos”, em sua maioria procurando e encontrando às centenas, exclusivamente locais de assentamentos pré-históricos.

A partir desta experiência surgiu o interesse de desenvolver um estudo que manifestasse a possibilidade de pesquisas arqueológicas sobre a Guerra do Contestado e suas relações com os projetos capitalistas e a religiosidade popular. Como fazer isso para um tema ausente de pesquisas anteriores? A solução encontrada foi fazer uma “escavação” em trabalhos de colegas de outras áreas das ciências sociais, buscando nos textos os elementos da cultura material que marcaram significativamente a paisagem regional.

Assim, pois, estabeleceu-se o objetivo principal da pesquisa: realizar um estudo de cunho interdisciplinar, relacionando história e arqueologia no contexto da Guerra do Contestado (1912-1916), que ocorreu na região do vale do rio do Peixe, planalto serrano do Estado de Santa Catarina. Procurou-se, através do estudo da cultura material, perceber as profundas transformações na paisagem cultural regional, com especial ênfase na identificação de sítios arqueológicos relacionados com o conflito.

A Guerra do Contestado aconteceu no planalto sul brasileiro entre os anos de 1912 a 1916, culminando com a morte de mais de 6 mil pessoas¹, sendo a maioria caboclos pobres que resistiram a dezenas

de expedições militares. Seu epicentro ocorreu onde hoje se encontra a região do meio oeste do Estado de Santa Catarina (vide figura 1), local de disputas lindeiras entre o Brasil e a Argentina no século XIX e, posteriormente, entre os estados de Santa Catarina e Paraná, daí advindo o nome de “Contestado”². Historiadores até hoje discutem as razões para a eclosão do conflito, com diversas explicações que podem ser assim resumidas: 1- o “fanatismo” religioso ou formas de messianismo que impeliram aos ajuntamentos e, por conseguinte, atraíram a atenção das autoridades a exemplo do episódio de Canudos (ver, por exemplo, MONTEIRO, 1974 e CAVALCANTI, 2006); 2- a ignorância e a rudeza da população regional, afeita às peleias e ao banditismo (ver, por exemplo, LUZ, 1952); 3- a questão de limites mal resolvida entre os estados do Paraná e Santa Catarina, que transformaram a região em uma “terra de ninguém” (ver crítica em MACHADO, 2004); 4- a ruptura com as velhas formas de coronelismo e compadrio típicas dos sertões brasileiros (ver crítica em MACHADO, 2004); 5- os projetos capitalistas que expropriaram a população de seu bem mais valioso, a terra, cortando o sertão³ com a construção de ferrovias e serrarias (ver, por exemplo, VALENTINI, 2009). Destacadas as presumíveis principais motivações do conflito, seria de se pensar seriamente na possibilidade de que houve uma junção de fatores causais, explicando-se a guerra a partir de um viés contextual, como vem ocorrendo com estudos mais recentes.

Figura 01- Localização geográfica da área de estudo: à esquerda, localização do Estado de Santa Catarina; à direita, região meio oeste catarinense em destaque



Fonte: Desenho de Elisana Reis da Silva.

Embora o recorte geográfico se concentre mais na região oeste de Santa Catarina, comumente estes limites espaciais foram ultrapassados. Isso se deve, em parte, ao alargamento territorial dos temas tratados, como no caso das trajetórias dos monges eremitas, das dimensões das estradas de ferro, ou, ainda, à expansão dos territórios conquistados/atacados pelos sertanejos. Esse problema de definição de limites também se estende ao recorte temporal. A guerra em si ocorreu entre os anos de 1912 e 1916, porém, o seu contexto de eclosão e as paisagens humanas e naturais relacionadas ao conflito, recuam cronologicamente até, pelo menos, meados do século XIX.

Inicialmente explorado pelos bandeirantes paulistas em busca da mão de obra escrava indígena, somente a partir do século XVIII o território foi sendo timidamente ocupado pelas frentes europeias colonizatórias, devido, em grande parte, à expansão pecuária decorrente dos caminhos de tropas que atravessavam todo o planalto sul brasileiro, em especial aquele caminho que ligava os campos de Viamão, no Rio Grande do Sul, até Sorocaba, em São Paulo⁴. Aos poucos, pousos e vilas foram se formando, além das fazendas dos extensos campos de Lages⁵ utilizadas para a criação de gado. Desde então, se criaram complexas relações de hierarquia social e econômica entre os poucos proprietários fazendeiros e a população agregada aos serviços ligados à pecuária ou à extração da erva-mate. Além da população indígena que continuamente resistia às investidas colonizatórias⁶, havia também um significativo contingente de origem africana, vindos juntamente com essas primeiras levadas migratórias para atuarem no trabalho escravo das fazendas. Assim, atravessou-se o século XIX com um considerável aumento demográfico, de motivações diversas, destacando-se o avanço de famílias de posseiros sob áreas de faxinais do meio oeste a partir da década de 1870, e os conflitos de origem gaúcha, nomeadamente a Revolução Farroupilha (1835-1845) e a Revolução Federalista (1893-1895)⁷, cuja consequência ocasionou a fixação de muitos ex-combatentes de lado a lado por terras que as tropas cruzaram (MACHADO, 2004, p. 57-104).

Desta junção do meio natural com o cultural, moldou-se a pai-

sagem regional que chegou ao início do século XX, quando então ocorreu o conflito do Contestado. Dessa grande miscigenação, surgiu o habitante típico da região: o caboclo. Jaci Poli (1995) procurou traçar um perfil básico do caboclo do planalto e do oeste catarinense, ressaltando que, embora formassem a maior parte do contingente populacional, em contrapartida tinham poucas posses ou bens materiais. O autor afirma que, antes de se classificar o caboclo por sua origem étnica, muito difusa devido à miscigenação, deve-se categorizá-lo mais em função de suas condições socioeconômicas, despossuídos que eram dos meios de produção, tanto da indústria pecuária quanto da extrativa⁸.

Os pressupostos teórico-metodológicos

No decorrer deste trabalho, procurou-se realizar um estudo arqueológico sobre o episódio bélico da história brasileira que ficou conhecido como Guerra do Contestado, ocorrido no planalto meridional brasileiro entre os anos de 1912 a 1916. Para além do legado material da guerra, tentou-se analisar a partir do viés da arqueologia temas que possuem correlação, como a influência da religiosidade popular entre os sertanejos e os projetos capitalistas espoliadores da terra, riqueza maior do sertão brasileiro.

Para tal empreitada, orientou-se teoricamente na arqueologia da paisagem. Para os propósitos dessa pesquisa em particular, considerou-se que os argumentos de Felipe Criado Boado oferecem um conceito coerente com essa proposta do termo “arqueologia da paisagem”, que a define como o estudo arqueologicamente orientado desta paisagem anteriormente definida, buscando a compreensão de paisagens do passado por meio do estudo da “culturalização” dos espaços ocupados pelos seres humanos. Para que tal proposta seja possível, é necessário conjugar-se três diferentes dimensões deste espaço: o meio físico, sendo o palco do desenrolar das atividades humanas; o meio social, onde os diferentes povos e indivíduos constroem seu mundo, e o meio simbólico, por onde as intervenções na paisagem são pensadas e o modo de vida é estruturado (BO-

ADO, 1999, p. 6).

A arqueologia da paisagem se desenvolveu ainda no contexto da arqueologia histórica, que trata do estudo arqueológico de tempos históricos, sendo mais fácil caracterizá-la pelo que não estuda, do que propriamente o contrário, ficando de fora a pesquisa com temáticas voltadas à chamada pré-história, mas não necessariamente excluindo as sociedades indígenas, porém, neste caso, estando inseridas dentro de um contexto colonial. Charles E. Orser Jr. (2000, p. 19) assinala as dificuldades em se delimitar a fronteira entre o histórico e o pré-histórico, propondo como solução para esse impasse a consideração da história a nível regional, já que essa transição ocorreu de diferentes modos, em diferentes períodos no continente americano. É neste contexto de conexão entre a arqueologia da paisagem e a arqueologia histórica, somado com outros conceitos como cultura material e patrimônio histórico e cultural, que se desenrolou o estudo, o qual, influenciado pelos pressupostos teóricos, teve como fontes básicas de pesquisa suportes documentais escritos, pictóricos, paisagísticos e materiais.

As fontes escritas e pictóricas foram utilizadas com um intuito muito definido: por meio de uma “escavação” arqueológica nestes documentos, buscou-se realizar um inventário dos sítios arqueológicos e históricos que possuam conexões com o mundo religioso caboclo e os projetos capitalistas e seus efeitos, corporificados pela guerra que durou quatro anos. Na falta de trabalhos arqueológicos, a história forneceu os indícios necessários que pudessem guiar a etapa de campo posterior.

A estratégia de campo, então, consistiu em realizar “visitas” à região, guiando-se pelos dados anteriormente obtidos nas fontes bibliográficas e pictóricas, somados às importantes informações das comunidades visitadas, fundamentais para a localização de sítios de interesse arqueológico. Não foi realizado qualquer tipo de intervenção, havendo como atividades desenvolvidas o registro de informações básicas em cadernetas de campo, acompanhados de registros visuais por meio de produção fotográfica e plotagem dos lugares em coordenadas UTM, utilizando-se de aparelho de GPS.

De posse destes pressupostos teórico-metodológicos, dividiu-se a pesquisa em três diferentes temas relacionados com o conflito bélico, que estão interconectados: 1- O espaço material sagrado; 2- O espaço material capitalista e; 3- O espaço material da guerra. Tais aspectos da história regional condicionaram a estratégia de campo posterior, realizada no meio oeste do Estado de Santa Catarina. As conclusões gerais desses tópicos são descritas a seguir.

O espaço material sagrado

A paisagem do Brasil meridional foi, a partir do século XIX, profundamente transformada por meio de sua sacralização que se consolida com as peregrinações de monges eremitas e o crescimento do catolicismo popular, por um lado, e a atuação da Igreja católica de modo muito esporádico, por outro. Essas duas frentes de devoção cristã que, aparentemente, poderiam conviver de modo sincrético e harmônico, viriam a se transformar em tensões que resultaram na constituição da santa religião do exército encantado de São Sebastião⁹, presente nos redutos da Guerra do Contestado. O objetivo foi realizar uma descrição da formação dessa paisagem sagrada, servindo como contexto histórico que justifica a constituição de lugares que se tornariam monumentos materiais da religiosidade cabocla.

O enfoque, neste particular, foi discutido a partir do viés de uma arqueologia do sagrado. Em comparação com a história da arqueologia, pode-se dizer que é muito recente a preocupação dos estudiosos em procurar inferir aspectos cognitivos e, por extensão, religiosos a partir das evidências materiais. Isto se deve às opções teóricas que, até meados da década de 1970, predominavam na explicação arqueológica, em especial as escolas histórico-cultural e processualista, as quais assumiam uma postura de busca de certa objetividade que não permitia o desenvolvimento de aspectos que se relacionariam mais com o mental, do que com o material propriamente dito. É, pois, com o advento de correntes teóricas multivoicais, baixo o termo “pós-processual”¹⁰, que a cognição apareceu não apenas como mais um campo a ser explorado, mas se colocou em

cena a importância primordial de estudos sobre ações tidas como mentais que estão intrinsecamente relacionadas com o mundo material. Mais que isso, a partir de estudos rigorosos, poderia se ascender a esses aspectos, havendo como ponto de partida a cultura material, afirmação que causava repúdio entre arqueólogos mais conservadores e, por consequência, mais céticos em aceitar que sítios e artefatos teriam algo a oferecer sobre temas que envolvessem simbolismo, cosmologia e religião, por exemplo.

Estes lugares sagrados são indubitavelmente os principais pontos de referência que norteiam a construção da memória social dos grupos humanos na paisagem. Deste modo, os arqueólogos precisam ter a noção das implicações que o presente possui na explicação do passado, constantemente reelaborado a partir dos interesses sociais, identitários e econômicos das diferentes populações que ocuparam um mesmo espaço geográfico (CRUMLEY, 1999, p. 271). Tem-se, deste modo, um tripé conceitual a ser destacado nas pesquisas: espaço, tempo e mente, necessário para o entendimento dos significados simbólicos da paisagem arqueológica. Para a região do Contestado, essas conexões entre passado e presente com relação aos sítios sagrados são muito evidentes. Muitos lugares ainda são visitados atualmente e muitas festas e rituais foram elaborados a partir de personagens e episódios do passado¹¹. No sentido epistemológico, entender e respeitar essas ressignificações da paisagem religiosa é fundamental para o desenvolvimento das pesquisas, considerando as divergências que devem ocorrer entre os diferentes modos de pensar acadêmicos ou não. Um esboço tipológico e descritivo dos sítios sagrados de interesse para a pesquisa arqueológica, com foco na paisagem, está descrito na tabela a seguir:

Tabela 1: Quadro síntese de sítios relacionados com a arqueologia do sagrado

Sítios	Características gerais
Cruzeiros	Cruzes instaladas na paisagem, geralmente confeccionadas em madeira, como o cedro. Seu número variava entre uma e várias, registrando-se até a presença de quatorze unidades em um só local.
Grutas	Abrigos sob-rocha, cavernas ou cavidades rochosas, sendo que algumas serviram de “morada” para os monges eremitas.
Fontes d’água	Também conhecidas como pocinhos de João Maria, são cursos d’água como córregos e nascentes que possuem, para a população em geral, propriedades medicinais, podendo-se curar de diversas enfermidades a partir de sua ingestão.
Outras formações naturais	Feições naturais distribuídas pela paisagem com poder simbólico para os habitantes, como montanhas e árvores.
Igrejas	Em sua maioria construídas em madeira, possuíam pequenas dimensões e seu interior era composto de mobiliário também de madeira e algumas poucas imagens e esculturas de santos. Nos redutos, faziam parte do núcleo central dos povoados, junto à praça.

Quadros Santos	Locais no interior dos redutos onde se desenvolviam rituais religiosos, próximo à igreja e geralmente formado por praça e cruzeiros em cada canto do quadro.
Cemitérios	Símbolos máximos do resultado nefasto da guerra, os campos santos se distribuem pela paisagem regional, servindo como memória material do conflito.

Fonte: Lino (2011, p. 253-255).

Figura 02 - Arqueologia do Sagrado: Fonte d'água em Curitiba



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 03 - Arqueologia do Sagrado: Pocinho de João Maria em Porto União



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 04 - Arqueologia do Sagrado: Cruzeiro em Canoinhas



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 05 - Arqueologia do Sagrado: Cemitério do combate do Irani



Fonte: Acervo pessoal.

O espaço material capitalista

A economia da região do Contestado foi radicalmente transformada pela construção de empreendimentos capitalistas na região, notadamente com destaque para as estradas de ferro e os grandes complexos madeireiros, a partir do início do século XX, expropriando a maior parte das terras de posseiros caboclos, os quais possuíam a terra por meio de seu uso e ocupação imemorial, em uma região onde as escrituras de terra tinham pouco significado para uma população majoritariamente analfabeta.

A ferrovia São Paulo-Rio Grande e seu ramal ferroviário de São Francisco foi responsável pelo maior impacto na paisagem do sertão, causando profundas mudanças e sendo causa direta do desencadeamento da guerra. O capitalismo, que veio com as locomotivas, executou seu inerente processo de exploração das massas e espólio dos bens básicos do já combalido povo sertanejo. A terra e seus recursos foram repentinamente tirados de seus tradicionais ocupantes e entregues aos interesses estrangeiros sob a liderança do capita-

lista norte-americano Percival Farquhar¹².

Com o objetivo de explorar os recursos florestais e colonizar o solo com imigrantes de origem europeia, o governo republicano brasileiro concedeu uma extensa faixa de terras de 15 quilômetros de cada lado da estrada para que a empresa de Farquhar – a “Southern Brazil Lumber and Colonization Company” - estabelecesse suas serrarias e vilas. A Lumber, então, foi organizada com vistas à exploração capitalista aproveitando-se a recém-inaugurada via férrea, instalando-se na região uma grande serraria em Três Barras e outra menor em Calmon, que serviriam para processar cerca de 4 milhões de pinheiros e 2 milhões de imbuías e cedros, além de outras árvores de menor porte (NODARI, 1999, p. 97). Contando com tecnologia de ponta para a época, a serraria de Três Barras foi sendo instalada a partir do ano de 1909, com as obras concluídas em 1911.

Os aspectos da materialidade capitalista, que chegou ao sertão no alvorecer do século XX, trazendo consigo muitos problemas para a população cabocla e muitos lucros para os empresários estrangeiros e para o governo federal, foram estudados tendo em vista o enfoque da arqueologia industrial, conceituada como o estudo da cultura material do período de industrialização capitalista, surgida no século XVIII na Inglaterra e expandindo-se para os demais países. Por si só, isto implica a relação estreita entre arqueologia e capitalismo, cujos aportes da teoria social a partir da década de 1990 vieram somar na interpretação do passado industrial (CASELLA, 2005, p. 3). O planalto meridional brasileiro no início do século XX sofreu uma grande transformação material na qual a floresta de araucárias, os rios limpos, as fazendas, as moradias caboclas, o ar puro, os caminhos lodosos e os relevos sem recortes artificiais, deram lugar aos trilhos das estradas de ferro, à fumaça das locomotivas, às intervenções dos aterros, aos “monumentos” das estações, aos guindastes e serras rasgando a selva, às serrarias engolindo as árvores, às vilas planejadas, e assim por diante. De modo geral, um inventário da cultura material da industrialização na região pode ser sistematizado de acordo com a seguinte tabela:

Tabela 02: Quadro síntese de sítios relacionados com a arqueologia industrial

Sítios	Características gerais
Ferrovias	Formadas pelo conjunto de estruturas que faziam parte das estradas de ferro: trilhos, material rodante, estações ferroviárias, armazéns, depósitos, pátios de manobras, caixas d'água, túneis, vilas ferroviárias e casas de turma.
Engenhos de Serrar	Pequenas estruturas industriais onde se processavam as árvores para a fabricação de itens diversos, geralmente destinados ao mercado interno.
Serrarias	Grandes indústrias que processavam centenas de metros cúbicos diários de madeira, destinadas ao mercado externo. Compunham-se de fábricas com caldeiras, serras, escritórios, armazéns, além das vilas operárias anexas.

Fonte: Lino (2011, p. 253-255).

Figura 06 - Arqueologia industrial: Ruínas de Estação Ferroviária entre Rio das Antas e Caçador



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 07 - Arqueologia industrial: Pousada de trabalhadores ferroviários em Rio Uruguai, Piratuba



Fonte: Acervo pessoal.

O espaço material da guerra

Desde que se começou a escrever sobre a Guerra do Contestado, isto é, ainda no fragor das batalhas, se conjectura sobre suas causas, já que as consequências são por demais conhecidas. Desde o conflito, foram levantadas muitas teorias e explicações, multiplicando a gama de justificativas da ocorrência do conflito. Obviamente que estas tentativas de dar motivo à guerra têm por fundo concepções teóricas diversas, inseridas em ideias preconceituosas e racistas sobre os sujeitos que ocupavam a região. Partiu-se nesta pesquisa do pressuposto de refletir as causas da Guerra do Contestado a partir de um enfoque contextual, em que a história regional forneceu os elementos necessários para a eclosão do conflito, somando-se com a exploração coronelista, o advento da modernidade capitalista, a questão de limites, a religiosidade, e assim por diante. Entretanto, considerando-se a pesquisa aqui desenvolvida, a desestruturação do mundo econômico, social e cultural caboclo ocasionado pelos empreendimentos capitalistas foi o grande propulsor da guerra, havendo-se a necessidade de reação de um contingente populacional espoliado dos mínimos recursos de sobrevivência. A partir de outubro de 1912 a região do Contestado foi abalada por uma guerra que duraria quatro anos, até a destruição final dos últimos redutos e as rendições dos últimos sobreviventes das cidades santas. De um lado, lutou a população sertaneja em reação às duras condições de exploração a que era submetida, de outro, em defesa dos ideais de modernidade e trustes capitalistas, as forças institucionais reunidas em torno do exército nacional. Apesar da imprecisão de cifras, Valentini (2000, p. 183) estima que teriam morrido aproximadamente oito mil pessoas na guerra, sendo a grande maioria do lado sertanejo.

No particular dos reflexos da guerra na paisagem, procurou-se discutir a arqueologia focada em conflitos bélicos, conhecida como “arqueologia dos conflitos”, “arqueologia dos campos de batalhas”, “arqueologia militar”, dentre outras designações. Neste artigo objetivou-se colocar em evidência o estudo da cultura material de gru-

pos subalternos e dos conflitos inerentes aos projetos capitalistas! Todavia, há certo caminho ainda a se percorrer no que concerne aos preconceitos dentro da própria comunidade de *scholars*, que, em parte, desconsidera estudos dessa natureza como arqueológicos, e que, no dizer deles, não podem prescindir de escavações e ainda devem ter uma “antiguidade” maior que a aqui apresentada, como se não fosse possível a existência de sítios e o estudo arqueológico de temas do século XX.

A arqueologia dos conflitos tem se estabelecido como uma importante subárea da arqueologia histórica, com a consolidação de um *corpus* de pesquisa crescente nos últimos 30 anos. A despeito dessa massa de pesquisas sendo realizada principalmente em países como Estados Unidos e Inglaterra, ainda há muito que se considerar com relação aos avanços teóricos e a definição objetiva de diversos conceitos que a norteiam (SCOTT, 2009, p. 299). Para o caso particular deste estudo, realizaram-se reflexões sobre alguns conceitos-chave, como os termos “arqueologia dos campos de batalhas”, devido às íntimas implicações para com os aspectos militares envolvidos no conflito bélico, e “arqueologia dos conflitos”, que se aproxima do viés mais crítico relacionando arqueologia e os movimentos sociais e o uso da violência aí envolvida, como no caso da resistência cabocla do Contestado e a reação dos poderes constituídos.

Carman (2005, p. 215-6) aponta para o avanço das pesquisas arqueológicas em sítios de campos de batalhas e a comprovação notória da utilidade de tais estudos para as contribuições à história militar como um todo. Para o autor, necessita-se definir melhor o que seria de modo crítico e arqueologicamente falando esses tipos de sítios, visando uma melhor compreensão dos objetivos de pesquisa e o posterior gerenciamento desses bens culturais. Sob esse ponto de vista, logo os campos de batalhas necessitam ser vistos em sua dupla existência, como local onde se desenrolaram conflitos bélicos, e como lugar no presente que possui depósitos arqueológicos e que foi reapropriado pelas populações atuais como ponto de evocação de memórias. Assim, têm-se os seguintes lugares na paisagem di-

retamente relacionados com a Guerra do Contestado e de interesse para a arqueologia:

Tabela 03: Quadro síntese de sítios relacionados com a arqueologia da guerra

Sítios	Características gerais
Redutos	Povoados dos sertanejos que congregavam centenas e até milhares de pessoas, as quais viviam em pequenas casas de madeira. Estes locais serviram não apenas como bases residenciais, mas também como lugares de rituais religiosos e de defesa dos ataques militares.
Guardas avançadas	Acampamentos dos sertanejos que tinham como objetivo servir de defesa e ataque às tropas militares. Eram formados por algumas dezenas de casas de madeira e moradores.
Fortificações e trincheiras	As fortificações eram construídas em madeira e as trincheiras, via de regra, eram escavadas no solo, ou, mais raramente, formadas por toras de árvores.
Acampamentos militares	Locais provisórios constituídos de barracas que serviam como abrigo para os soldados militares durante as campanhas.
Campos de batalhas	Lugares distribuídos na paisagem cuja superfície é utilizada no desenrolar de atividades de batalhas, por meio de ataques e defesas de lado a lado do conflito.

Fonte: Lino (2011, p. 253-255).

Figura 08 - Arqueologia da guerra: Local de reduto de Taquaruçu



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 09 - Arqueologia da guerra: local do reduto de Caraguatá, Lebon Régis



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 10 - Arqueologia da guerra: Local da batalha de Rio das Antas, Rio das Antas



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 11 - Arqueologia da guerra: crematório de Perdizinhas, Lebon Régis



Fonte: Acervo pessoal.

Considerações finais

A etapa de pesquisa de campo, a partir de um diagnóstico prévio, objetivou levantar o potencial de pesquisas arqueológicas envolvendo o sagrado, o capitalismo e a guerra na região do Contestado. As possibilidades e perspectivas são inúmeras, como pode se

depreender. Destaca-se aqui, a necessidade de pesquisas de campo exaustivas, sistemáticas e criteriosas, buscando-se registrar o maior número possível de vestígios arqueológicos passíveis de desaparecimento completo ou parcial por meio de ações antrópicas e naturais. A primeira proposta consiste em se realizar um amplo inventário, registrando-se em fichas, fotos e medições gerais os graus de conservação e a descrição dos elementos materiais dos sítios já registrados nesta pesquisa e dos que devem surgir em pesquisas acadêmicas ou de contrato. Posteriormente, com dados mais precisos em mãos, se poderá elencar locais para escavações sistemáticas, buscando-se novos dados materiais de cemitérios, campos de batalhas, estações ferroviárias, redutos, e assim por diante. Além das análises de laboratório de vestígios encontrados em campo, existe um enorme potencial de estudo de objetos presentes em museus e coleções particulares, devendo ser analisadas em vistas de se construir quadros tipológicos combinando a cultura material encontrada em escavações com aquelas coletadas pela população em geral desde o fim do conflito. O futuro se mostra promissor, com muitas tarefas científicas a serem desenvolvidas, desejavelmente realizadas por equipes multidisciplinares, conjugando esforços de arqueólogos, historiadores, geógrafos, arquitetos, sociólogos etc.

Outra tarefa urgente é a de se iniciar um trabalho contínuo de educação patrimonial junto a diversos segmentos da sociedade. Para a população regional é necessário mostrar que valorizar a cultura material cabocla não pode ser motivo de “vergonha”, sentimento resultante da lavagem cerebral histórica feita pelos órgãos civis e militares responsáveis pela repressão. Buscar o orgulho do ser caboclo, ser sertanejo, através da valorização do patrimônio arqueológico e histórico, eis o grande desafio e objetivo último dos estudos arqueológicos. Além disso, urge realizar-se um programa de educação patrimonial também nos meios acadêmicos, principalmente envolvendo historiadores, geralmente céticos com relação às contribuições que os estudos arqueológicos podem dar para a construção do conhecimento. Em suma, divulgar ao máximo a importância das pesquisas arqueológicas, proporcionando o acesso à informação, à

memória, à identidade de grupos étnicos e sociais diversos.

De modo geral, espera-se que este estudo tenha contribuído ao menos parcialmente para a convocatória de Delmir José Valentini (2009, p. 239): “próximo do aniversário de um século, a História da Guerra do Contestado continua suscitando estudos e debates de caráter sociológico, antropológico, **arqueológico**, jornalístico e histórico”¹³. Eis o primeiro passo de uma grande jornada arqueológica, que deverá ser composta de vestígios de ferrovias e serrarias, de cemitérios e redutos santos, de grutas, fontes e cruzeiros. Do sangue derramado do sertanejo ou do soldado, cem anos de memórias e esquecimentos podem ser pesquisados pelo seu legado material e arqueológico. As ruínas do Contestado aguardam mais colaborações dos arqueólogos: mãos à obra!

Notas

* Este artigo é uma síntese de pesquisa de doutorado concluída no ano de 2012, dentro do programa “Quaternário: materiais e culturas” da Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro (UTAD), de Portugal (ver LINO, 2011).

** Doutor em Quaternário pela UTAD. Professor e arqueólogo da UFFS.

¹ Trata-se de um dado estimado, já que há ausência de dados mais precisos nas fontes que tratam das mortes do lado sertanejo.

² Estes conflitos por interesses territoriais podem ser melhor conhecidos por meio da leitura do trabalho de Heinsfeld (1996).

³ Esse termo é aqui utilizado no sentido de caracterizar uma região do interior brasileiro, geralmente onde o poder público teria tido pouca atuação. Neves (2003) analisa este conceito em pormenor.

⁴ Os caminhos de tropas formavam uma série de vias, muitas vezes não passando de precárias picadas. Além de transportar animais para as regiões auríferas da colônia brasileira, teve parte importante na criação de povoados no planalto sul brasileiro, com alguns dos pousos de tropas tornando-se vilas e cidades posteriormente, como, por exemplo, ocorreu com Curitibaanos. Delmir Valentini (1999) descreve em detalhes o cotidiano dos principais personagens que utilizavam estes caminhos: os tropeiros.

⁵ Lages foi fundada em 1766 como parte de um plano de avanço e proteção das fronteiras coloniais portuguesas, sendo hoje uma importante cidade do Estado de Santa Catarina contando ainda com forte base econômica pecuária.

⁶ A região sul do Brasil possui uma ocupação indígena inicial há cerca de 12 mil anos, composta dos primeiros grupos de caçadores-coletores. Já por volta de 3 mil anos atrás, a região foi sendo paulatinamente mais densamente povoada, por grupos humanos agricultores vindos da Amazônia, no caso dos Guarani, e da região centro-oeste do Brasil, no caso dos povos Jê. Quando da chegada e ocupação territorial de origem europeia, todo o planalto sul estava povoado. Como aconteceu nas demais regiões brasileiras, as guerras de extermínio, as epidemias, os conflitos por terras e

a escravidão ocasionaram o genocídio indígena, restando hoje alguns milhares de índios que ainda vivem em situação de guerra, na incansável luta por seus direitos e por terras adequadas para a reprodução do modo de vida tradicional (NOELLI, 1999-2000).

⁷ Sobre estes conflitos, ver Leitman (2008) sobre a Revolução Farroupilha e Axt (2008) sobre a Revolução Federalista.

⁸ No decorrer do texto se utilizará do termo “caboclo” como sinônimo de sertanejo, denotando uma ligação direta entre aqueles sujeitos que resistiram por anos às investidas das forças armadas brasileiras e estaduais, adicionado com um sentido de identidade até hoje assinalada entre a população do planalto catarinense.

⁹ Trata-se de reelaboração mítica dentro do universo do catolicismo rústico do Contestado, em que não somente se esperava o retorno de José Maria, mas de todos aqueles combatentes mortos nas batalhas e, assim, quando retornassem, formariam um invencível exército encantado, demonstrando também uma ligação com o fenômeno do sebastianismo (QUEIRÓZ, 1966, p. 117-119).

¹⁰ As diferentes linhas teóricas da arqueologia são didaticamente apresentadas por Jonhson (2000) e por Trigger (2004).

¹¹ Como exemplo tem-se a Festa de Santo Antônio (ver em <http://fragmentos-do-tempo.blogspot.com/2009/01/religiosidade-de-so-joo-maria-4.html>). O sociólogo José Fraga Fachel analisou em perspectiva histórica as manifestações religiosas ligadas à passagem dos monges pelo sul do Brasil (FACHEL, 1995).

¹² Sobre a vida e a atuação de Farquhar no continente americano, ver Valentini (2009).

¹³ Grifo nosso.

Referências

AXT, Gunter. A Revolução Federalista 1893-1895 – Guerra civil brasileira. In AXT, Gunter (Org.). **As guerras dos gaúchos**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

BOADO, Felipe Criado. Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje. In: **CAPA 6**, Grupo de Investigación em Arqueología del Paisaje, Universidad de Santiago de Compostela, 1999.

CARMAN, John. Battlefields as cultural resources. In **Post-Medieval Archaeology**. v. 39/2, p. 215-223, 2005.

CASELLA, Eleanor Conlin. “Social Workers”: New Directions in Industrial Archaeology. In: CASELLA, Eleanor Conlin; SYMONDS, James (Ed.). **Industrial Archaeology: Future Directions**. New York: Springer, 2005.

CAVALCANTI, Walter Tenório. **Guerra do Contestado: verdade**

histórica. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

CRUMLEY, Carole. Sacred landscapes: constructed and conceptualized. In: ASHMORE, Wendy; KNAPP, Bernard. **Archaeologies of Landscape: Contemporary perspectives**. Massachusetts and Oxford: Blackwell, 1999.

FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: Recusa dos Excluídos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

HEINSFELD, Adelar. **A questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no baixo vale do Rio do Peixe/SC**. Joaçaba: Ed. UNOESC, 1996.

JOHNSON, Matthew. **Teoria Arqueológica: Una Introducción**. Barcelona: Ariel, 2000.

LEITMAN, Spencer. A Guerra dos Farrapos 1835-1845. In AXT, Gunter (Org.). **As guerras dos gaúchos**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

LINO, Jaisson Teixeira. **Sangue e Ruínas no Sul do Brasil: Arqueologia da Guerra do Contestado (1912-1916)**. 2011. Tese (Doutorado em Quaternário: Materiais e Culturas). Vila Real: UTAD, 2011.

LUZ, Aujor Ávila. **Os fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade de nossos caboclos**. Florianópolis: EDUFSC, 1952.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte temporal e como imaginário cultural. **Revista Politeia: História e Sociedade**, v. 3, n.1, p. 153-162, 2003.

NODARI, Renato. **Estrada de ferro São Paulo – Rio Grande: causas**

e conseqüências de sua construção em território catarinense – 1900 – 1940. 1999. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

NOELLI, Francisco Silva. A Ocupação Humana na Região Sul do Brasil. **Revista Usp**, n. 44, 1999-2000.

ORSER JR., Charles. **Introducción a la arqueología histórica**. Buenos Aires: Aina, 2000.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. In: CENTRO DE ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA SÓCIO-CULTURAL DO OESTE. **Para uma história do oeste catarinense: 10 anos de CEOM**. Chapecó: UNOESC, 1995.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social: A Guerra Sertaneja do Contestado (1912-1916)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SCOTT, Douglas D. Studying the Archaeology of War: A Model Base don the Investigation of Frontier Military Sites in the American Trans-Mississippi West. In: MAJEWSKI, Teresita; GAIMSTER, David (Org.). **International Handbook of Historical Archaeology**. New York: Springer, 2009, p. 299-317.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

VALENTINI, Delmir José. **Atividades da Brazil Railway Company no Sul do Brasil: A instalação da Lumber e a Guerra na região do Contestado (1906-1916)**. 2009 (Tese de doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a guerra do contestado**. 2 ed. Caçador (SC): UNC, 2000.

_____. Tropeiros, ervateiros e balseiros: memoráveis personagens da história do sertão catarinense. **Ágora**. Revista de divulgação científica, UnC, v. 6, n. 1, 1999.

Abstract

This paper aims to carry out synthesis of research on the material culture of the Contestado War from the perspective of landscape archaeology. This conflict occurred in the southern Brazilian plateau between the 1912 and 1916 years, contrasting the hinterland people of the region with various military forces, with the thousand of the people death. On completion of one hundred years the war began in 2012, places of interest in archaeology and history illustrate the potential that material culture studies have for the research of the past.

Keywords: Archaeology. Material Culture. Contestado War.